

Divulgação



O *Regards d'Ailleurs* prestigia a produção cinematográfica de um país e tem o Brasil como tema na edição 2025

Waltinho mobiliza cinefilia francesa

Presença do realizador é destaque na programação do festival *Regards d'Ailleurs*, que este ano dedica sua edição ao cinema brasileiro

Por **André Fontenelle**
(Folhapress)

Ao chegar a Dreux, cidadezinha de 50 mil habitantes a 80 km de Paris, Walter Salles esperava encontrar um pequeno cinema de interior. Espantou-se ao se deparar com um multiplex de nove salas. A maior delas, com



Walter Salles durante masterclass no festival francês

400 lugares, exibiria dali a poucos minutos “*Ainda Estou Aqui*”. “É um prazer ver uma sala de cinema cheia”, disse.

A presença de Salles na pequena Dreux foi o momento culminante do festival *Regards d'Ailleurs* (“Olhares de Fora”) deste ano, que dedicou sua programação a filmes brasileiros. Depois da projeção do filme ganhador do Oscar de me-

lhor filme internacional, o diretor brasileiro respondeu durante meia hora às perguntas da plateia, explicando para os franceses uma realidade às vezes incompreensível para eles.

Um burburinho de surpresa percorreu a sala quando Salles “revelou” que a Eunice Paiva idosa é interpretada pela mãe da atriz principal. “Em alguns países, as pessoas

disseram: ‘Que trabalho extraordinário de maquiagem!’”, acrescentou, para risos da plateia.

Os franceses queriam saber mais sobre a ditadura no Brasil. Um espectador perguntou como outras camadas da população viveram a repressão, porque o filme mostra “um meio intelectual branco”. “Evidentemente, o estrato social que vemos [no filme] é a alta burguesia, onde justamente se acha que essas coisas não acontecem”, respondeu Salles. “O cinema tem que ser polifônico. Em um país tão grande quanto o Brasil, você vai ter cem reflexões diferentes. Um grande cineasta brasileiro, Kleber Mendonça Filho, está terminando um filme [“*O Agente Secreto*”, protagonizado por Wagner Moura] sobre exatamente esse período, em Pernambuco.”

Outro espectador, depois de qualificar o filme como “deslumbrante”, ressaltou: “Tenho vontade de fazer quase uma crítica. Em

tudo o que se disse sobre a ditadura e seus abusos, foram mostrados os subalternos. Ninguém sobe até o topo da cadeia. Vamos ter que esperar que um Costa-Gavras faça um filme sobre o que aconteceu no seu país?”, perguntou, referindo-se ao cineasta grego notório pelos filmes engajados.

“Costa-Gavras já fez, sobre vários países do continente”, lembrou Salles, citando “*Missing*” e “*Estado de Sítio*”, que tratam, respectivamente, do Chile e do Uruguai. “E o documentário se presta a fazer exatamente o que você traz à tona. O cinema é um leque de possibilidades.”

Salles explicou ao mesmo espectador que os silêncios de “*Ainda Estou Aqui*” também cumprem um papel. “Um monte de pessoas ‘completou’ o filme no Brasil. As pessoas começaram a contar a história de suas famílias nas redes sociais. O que é maravilhoso é que um filme só fica pronto quando é confrontado ao olhar dos outros.”

Em sua 22ª edição, o festival de Dreux homenageia a cada ano o cinema de um país. Este ano, o escolhido foi o Brasil, coincidentemente no ano em que o país conquistou pela primeira vez o Oscar de melhor filme internacional.

Até poucos dias atrás, o organizador do festival, o francês Thierry Méranger, crítico da revista “*Cahiers du Cinéma*”, temeu que Salles não pudesse vir à França, devido à agenda lotada. Quando o convite foi feito, no ano passado, “*Ainda Estou Aqui*” nem havia estreado, e a badalação do Oscar estava longe.

Antes da projeção, o diretor ficou encantado com um clipe exibido na tela, com cenas clássicas do cinema brasileiro, de “*Limite*”, de Mário Peixoto (1931), a “*Ainda Estou Aqui*”.

Salles cobriu particularmente de elogios Glauber Rocha e o Cinema Novo. “Estou tocado por terem escolhido esses filmes. E emocionado por ver incluído o filho dele, Eryk”. O documentário “*A Queda do Céu*”, dirigido por Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, também foi exibido no festival de Dreux.